

DA CONSCIÊNCIA MÍTICA À CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: LEITURA DE *PEDRA BONITA*

Elena RALLE*

RESUMO: Análise do romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, procurando mostrar a estrutura mítica da obra: a passagem de uma consciência mítica a uma consciência histórica.

UNITERMOS: Literatura; literatura brasileira; romance social; mito; demitificação; religiosidade.

I

No romance, há duas localidades voltadas uma contra a outra, movidas por um ódio cego e secular. A narrativa se compõe de duas partes: "Vila do Assu" e "Pedra Bonita". Hípnos e Tánatos, o sono e a morte dominam as duas cidades ao mesmo tempo inimigas e irmãs. A modorra da Vila do Assu, tocada por essa outra unidade mítica que é Pedra Bonita, impregna as criaturas e as coisas. É um povoado perdido, uma cidadezinha que agoniza, nenhuma ação se completa: "ôco do mundo", "terra infeliz", "jdegredo" e "calvário". Os forasteiros aí se hospedam como em exílio, para pagar seus pecados ou entregar o espírito a sacrifícios sem glória.

O olhar de um adolescente, também vindo de fora, desvenda pouco a pouco a escondida miséria desse amontoado de casas que jazem, nos confins do "sertão mais infeliz" como "um miserável com suas chagas ao sol" (5:13). Do alto de sua torre, Antonio Bento olha sua cidadezinha e a campina que a rodeia. Mil vezes, tocando os sinos ele a fez despertar. Como o som dos sinos, seu olhar se perde na

distância. Como o som dos sinos, ele penetra na alma das casas e das criaturas, anima esse pequeno mundo, desperta seus ruidos, sua aparente agitação matinal, suas angústias, seus dramas, seus rancores e mesquinhasias.

"Ali na Vila do Assu, a vida era miúda como a gente" (5:13). Antonio Bento olha a cena indefinidamente repetida, faz os gestos rituais, entrega, executa os gestos rituais, entrega-se às mesmas recordações, às mesmas sensações, se satisfaz com a segurança das coisas conhecidas. Há muito tempo uma seca arrasadora fez com que ele viesse parar nesse lugar. Cresceu à sombra da igreja, graças à bondade do Padre Amâncio, o velho vigário, que há vinte anos consagra sua vida a essa gente abandonada, castigada por uma antiga tragédia:

"Há quase um século correrá sangue pelos seus campos, sangue de gente, sangue derramado para embeber a terra em nome de Deus. Aquilo pesava na existência da Vila como um crime nefando, pesava no destino de gerações e gerações" (5:13).

* U.E.R. Lettres de Besançon. Depart. Espagnol. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1965-1967).

A Vila do Assu vegeta desde então na vergonha e no ódio. O resto do povo a despreza, foge dela. Mesmo sua igreja tão imponente, desproporcionada, que ostenta suas duas torres brancas num gesto inútil de fortaleza vencida, não tem mais o poder de atrair olhares nem preces vindos de qualquer lugar. Inútil e vencida como seu padre, este Padre Amâncio tão bom, tão simples, tão devoto. Inútil e impassível, esta rainha exilada e patética, de duas torres brancas, de dois sinos cujo som magnífico dá ritmo à existência do reduzido rebanho de paroquianos, atravessa os tempos, sem drama e sem sofrimento (5:14).

Noutra parte, duas torres naturais, dois gigantes invencíveis traçam o contorno fantástico de uma catedral desaparecida, misteriosa construção do acaso, aos pés da qual se desenrolam com a inexorabilidade dos ciclos da natureza os dramas da morte e da ressurreição de um mundo mítico: Pedra Bonita (5:14).

Antonio Bentó olha, sem ver ainda a luta desumana e secular que se trava entre os dois gigantes de pedra, os dois pólos magnéticos entre os quais seu coração e sua inteligência serão condenados a oscilar num movimento pendular e cíclico dominado por este silêncio de Deus. Ele não sabia ainda que toda a aventura de que será protagonista tecerá em volta dele um fio invisível e secreto, um labirinto misterioso cuja saída buscará em vão.

Do alto da torre Antonio Bento olha. Olha a si mesmo, olha os outros, olha a memória que nasce, à procura de um passado e de um futuro, à procura de sua própria identidade.

Pedra Bonita exige uma leitura mítica. Se é arriscado projetar em um texto outros discursos que ele pode não integrar, a estrutura e o caráter dos pontos que estabelecem sua geografia evocam insistentemente o eco longínquo de mitos arcaicos. A história que aí se desenvolve nos transporta irremediavelmente a um mundo perdi-

do em que o tempo parece ter parado. Nesta narrativa, o tempo é o da memória e do esquecimento, o tempo da espera de uma regeneração, da busca das origens. Ora, como diz Mírcea Eliade, "o tempo da origem é um tempo *forte* porque ele foi o receptáculo de uma nova criação, enquanto o tempo ocorrido entre a origem e o momento presente não é *forte nem significativo* — e por este motivo não se pensa nele ou se faz mesmo um esforço para o abolir" (2:48).

Ora, o romance é construído na base de dois tempos. A primeira parte é dominada pelo tempo "fraco", no qual o herói se prepara para a prova de iniciação, na ignorância de si e das coisas. Tempo do sono, tempo vegetativo no qual os gestos rituais, incansavelmente repetidos, preparam a memória individual para o retorno à memória coletiva. O arranjo dos motivos forja um protagonista central no qual sub-repticiamente se invertem as formas primordiais das missões dos heróis clássicos e tradicionais: apostolado expiação de um pecado original, resgate de seu povo etc. Antonio Bento é, logo no início, apresentado como uma espécie de mensageiro encarregado do "despertar" dos homens. Está na idade intermediária entre a criança e o adulto, marcado por um traumatismo inicial que é o da ruptura com uma situação primitiva e original da qual perdeu a lembrança. Está no momento de chegar a uma nova "modalidade" de existência depois de ter passado pelas provas clássicas, mas "secundárias" do herói mítico. Por sua própria condição de exilado num ambiente hostil e degradante, adquire, pouco a pouco, a faculdade de decifrar os símbolos que o mundo lhe propõe e se prepara, assim, para o conhecimento da realidade a fim de tentar dominá-la.

É, portanto, seu olhar que construirá, no romance, a trama fundamental. Mas, como herói moderno, será também, o ponto de convergência de influências he-

teróclitas, contraditórias, criadoras, portanto, de uma profunda ambigüidade.

O primeiro momento desta mitificação de Antonio Bento é ligado ao seu papel de tocador de sinos. No primeiro capítulo seu gesto se realiza na serenidade de um rito e inauguração de um novo dia, pela irrupção de um violento apelo do sagrado. Este gesto mítico tem uma função que resulta, parece-nos, diretamente de uma função de caráter divino. De fato, ainda de acordo com Mircea Eliade, nas mitologias do sono e do esquecimento, que afastam os homens da consciência de sua origem, Deus lhes envia um mestre ou mensageiro "para despertá-los do seu sono, que é ao mesmo tempo ignorância, esquecimento e morte" (2:48).

Antonio Bento se dará conta, por si mesmo, e pouco a pouco, do caráter sagrado do seu gesto. Depois de sua passagem pela prisão da Vila do Assu, vista por ele como uma descida aos infernos, ao reino dos mortos:

"Ouvira conversas de presos, caras inchadas, gente falando de inocência. Vozes que vinham do outro mundo. Mortos que lhe falaram" (5:77).

Antonio Bento sobe mais uma vez ao alto da torre.

"O Assu está ali aos olhos de Antonio Bento. Submisso aos seus pés, ao som do sino que ele tocava. Homens e mulheres ouvindo a voz do sino. Ele, Antonio Bento, era um instrumento de Deus. Todos àquela hora, àquele toque, pensariam em qualquer coisa acima da terra. Até o gordo, o juiz, Dona Senhora, os presos da cadeia, o ladrão de cavalos, o Luizinho com duas mortes, subiam um palmo acima da terra para pensar na vida que viria depois." (5:74)

A distância, muitas vezes se ouvirá ainda o som dos sinos soando como um apelo, como um gemido, como um brado de revolta. É que Antonio Bento comanda a linguagem dos sinos, faz dela a sua própria linguagem, apropriando-se assim da

palavra sagrada. Os sinos soam cada vez que um episódio significativo agita a vida da cidadezinha ou a consciência do protagonista. Depois da abertura da narrativa, Antonio Bento recorrerá à linguagem deles para lançar na noite que se aproxima o grito lancinante do seu coração revoltado, humilhado pelas duras palavras que o juiz brandiu contra ele, carregadas de ameaça:

"Antonio Bento saiu do coração, humilhado, vencido, arrasado. Na tarde daquele dia havia um enterro de gente pobre. O caixão da caridade saía da igreja e ele tocava o sinal. Via lá de cima as quatro pessoas levando o defunto. (...) Ele puxava o badalo. Cada toque era um lamento profundo, perdendo-se ao longe. O juiz lhe dissera horrores. Se o padre Amâncio soubesse ficaria aflito. Nunca Antonio Bento passara um dia pior que aquele. E logo naquela tarde do enterro. Não gostava de tocar sinal, dobre para defunto. Era triste demais." (5:37)

Mais tarde, quando seu padrinho fica sabendo do incidente com Joca Barbeiro que tinha provocado uma reação meio grosseira por parte do rapaz insultado, o padre o repreende com severidade:

"Na tarde daquela repreensão o sino da matriz do Assu bateu as Ave-Marias com mais violência. Puxando o badalo Antonio Bento refletia." (5:43)

Também quando a amizade de Dioclécio, o "bardo" sertanejo, vem por um momento tirá-lo da solidão e a cidadezinha resolve expulsar o cantor que a ofende, é ainda pela linguagem dos sinos que ele falará ao mundo do seu desespero:

"E à tardinha, subiu a torre para tocar as Ave-Marias. Nunca vira tarde mais triste. Naquele dia debaixo da tamarineira não havia ninguém. O Assu mais calado, mudo. Puxou o badalo e o som foi longe. Pensou nas mulheres se benzendo, na Dona

Fausta solteira, enjeitada pelos homens, ela que tinha ciúme até das ovelhas e das vacas. O céu estava escamado, de nuvens arroxeadas, de nuvens tintas de sangue. Deu a última badalada e esperou que uma voz lhe respondesse do outro lado do Assu: "Eu estou aqui, Antonio Bento, estou aqui esperando por ti, para te ensinar os caminhos do mundo, te entregar as cordas de uma viola, te ensinar os meus versos tristes." E nada. O som se foi, se perdeu. E a tarde, e a tristeza do Assu." (5:66)

Depois da prova do cativo, Antonio Bento se sente mais amadurecido: "Crescera, ficara mais homem que todos." (5:75) Sob a influência de Dioclécio, começa a compreender a força e o poder da sua liberdade:

"Dele era o mundo. O padrinho nem era dono do Assu. A sua bondade não tinha força. Ele, Antonio Bento, devia abandonar tudo e cair no mundo. Sim, estava virando poeta. Uma coisa começava a existir para ele fora do cotidiano, um desejo de fugir do lugar em que estava. Não era para ser grande, ganhar dinheiro, ser importante. Queria dizer alguma coisa aos outros, botar o seu coração para agir." (5:78)

Esta primeira modificação da consciência acarreta a dessacralização da função de mensageiro divino e o início de uma nova existência das coisas:

"Porque as coisas começavam a existir com outro aspecto. Acordava de madrugada para fazer os toques de chamada para a missa. Via o Assu dormindo, o povo infeliz de portas fechadas, com o sono cobrindo todas as desgraças da terra maninha."

Assim a esterilidade da terra exige a intervenção do herói, mas a sua intervenção ritual perdeu o poder regenerador:

"O Assu aparecia assim a Bento como um inimigo que ele pudesse apunhalar sem risco. Tudo fraco, tudo entregue ao sono. A tamarineira era maior aquela hora, com a copa imensa, com os galhos tremendo ao vento. Ia tocar o sino, chamar as devotas que já deviam estar se preparando para a missa. Por que então aqueles toques todas as madrugadas? Só elas estariam na igreja. Só elas chegariam na hora certa. Por isso achava inútil o trabalho que tinha."

Contudo, ele acredita ainda no poder de seu papel, tem necessidade de acreditar nele, para não se negar a si mesmo:

"Com sua mão tirava do sono a canalha do Assu. O juiz, o miserável, se mexeria na cama e ficava sabendo que ele, Antonio Bento, manobrava, era quem dava força aquilo. (...) E assim a vida do rapaz ia varlando na valorização que ele estava dando às coisas. No mais, continuava fazendo tudo como dantes." (5:78)

A razão desta demora na ascensão para a luz situa-se em um combate complexo de forças contraditórias. Antonio Bento vê se degradarem os modelos exemplares que tinha seguido até aquele momento: a cidadezinha do Assu e o padre que fracassou na missão de conduzir suas ovelhas no bom caminho da santidade. A função primordial do mito é, sempre de acordo com Mircea Eliade, a de revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedo-

ria. (2:18) O mito é, pois, um elemento essencial da civilização humana.*

Ele preenche uma função indispensável nas civilizações "primitivas", porque exprime, realça e codifica as crenças; salvaguarda os princípios morais e os impõe; garante a eficácia das cerimônias rituais e fornece regras práticas para o uso do homem, como afirma Malinowski, citado por Eliade. (2:32)

É justamente o que falta a Antonio Bento, que vê desfazerem-se os códigos que um dia ele acreditou serem verdadeiros e criadores. Ele deve, assim, substituí-los. Mas está em estado de ignorância, estado próprio da criança (estado "natural"), numa espécie de *amnésia*, a outra forma do "sono" da consciência, que o impede de ter acesso ao estado "cultural" e adulto, à consciência de si e ao domínio das coisas.

A narrativa descreve o lento processo do "despertar" do herói, cujos olhos são ainda recobertos por "véus", o mundo por um "véu", pois ele ainda está prisioneiro das próprias ilusões.

Assim, quando desce da torre, Antonio Bento aprende a viver, aprende a viver outra vez no mundo cotidiano cujo ódio e cuja violência começam a rasgar esse véu. Aprende, à sua própria custa, o poder de corrupção do grupo ao qual está ligado. Vila do Assu possui, de fato, uma força de corrosão que se molda nos ódios recíprocos e cegos que agitam seus habitantes. O mais profundo, o mais tenaz, o que domina toda a narrativa é, sem qualquer dúvida, o ódio de Pedra Bonita. Mas no interior da cidadezinha, pelo encadeamento dos olhares e das lembranças de uns e outros, vêm surgindo essa trama obs-

cura de raivas e frustrações, de miséria e desprezo, cujos motivos surgem com insistência da angústia e da regularidade da obsessão.

Já no primeiro capítulo, pelo olhar que o coronel Clarimundo lança pela cidade, que lhe pertence, traça-se a primeira espiral dos rancores que atingirão mais tarde o grau da loucura, do paroxismo e da morte.

Debruçado na janela do sobrado, outra construção simbólica que domina o lugarejo com seus dois pilares encimados por dois leões de pedra, "dois monstros que tivessem devorado toda a grandeza da terra", o coronel Clarimundo espera ver aparecer na sua janela major Evangelista, que já de colarinho duro vai executar também um gesto ritual: exibir seus pássaros e suas orquídeas, para lembrar ao mundo seu ódio ao coronel.

"O major amava os pássaros cantadores. O coronel Clarimundo podia se encher nos negócios, na compra do algodão. Nada para ele estava valendo. O que valia para ele era o seu canário estalador, o galo-de-campina, o concriz que cantava de tudo. Esmagava assim a riqueza do coronel Clarimundo com a arte de seus prisioneiros, tratados como príncipes". (5:15)

Mas o ódio devorou o amor e a filha, por sua vez, o odeia porque ele esquecera de amá-la. Ela odeia seus pássaros e suas flores, detesta seus amigos, tem ciúme dos seus gestos, dessa paixão estéril que ele devota aos seus animais e às suas plantas.

Dona Eufrásia, a irmã do padre, odeia a cidade inteira, odeia os que devoraram a beleza, o espírito e a juventude do seu ir-

* Ver também Lévi-Strauss: "O mito é uma estrutura totalizante que insere o grupo humano no *cosmos*, no seu meio natural, na sua história, no conjunto das forças produtivas. Por isso a sua função é múltipla. (...) Relato das fases sucessivas que, a partir de um tempo mítico e final, encodem a história do universo do homem. O mito é a primeira forma de especulação assediadora que cria os poderes do inconsciente e autoriza a ação, e assim, a permanência de uma especulação redentora que não a duração das coisas, mas a sucessão aos poderes primordiais. Funcionalmente polissêmico e mutável, ele exprime os múltiplos aspectos da ordem social que povoam o *cosmos*, que são o *cosmos*. Jogo social eminentemente sedutor, ricamente dotado de poderes simbólicos, fornecendo modelos exemplares e de sabedoria, ele tem uma função essencial de instigação: nas verdades da especulação e da ação ele representa o que a ideologia pode ter de máximos impulsos." (3:49)

mão. O juiz odia o padre, que ousa apontar o escândalo da sua vida privada. Os devotos e os homens que se juntam a toda hora do dia ou da noite em volta do tamarineiro da praça, preenchem a desocupação da sua vida pobre com a maledicência corrosiva de uns e outros. Sozinha, como a presença trágica de uma energia vital esquecida, Dona Fausta, a filha do major, é muitas vezes a vítima preferida das conversas perniciosas. Dominada por suas múltiplas frustrações de filha e de mulher, presa das paixões mais violentas, ela contrasta com o mundo apático que a rodeia. Ódios e paixões a agitam numa dilaceração dolorosa, que faz dela o espetáculo cotidiano que a cidadezinha assiste com complacência e malignidade. Ela tem consciência disso e desafia todo mundo, num esforço supremo para arrancar à vida a sua parcela de prazer. Mas assim injeta esta força de corrupção e de ódio que tudo apodrece. Dona Fausta será condenada à histeria, à vergonha mais terrível entre todas as misérias físicas.

Todo esse ódio não se mantém senão pela constante lembrança de suas origens e da sua substância. Esses motivos ressurgem periodicamente, por gradação, reforçados pela insistência das recordações e dos movimentos surdos e obsessivos dos pensamentos e das palavras de cada personagem.

Vila do Assu esqueceu o amor e o perdão, mas não o ódio. Consciente da existência do pecado original, a cidade repele tudo que pode perturbar o seu sono. Todo elan vital é aí irremediavelmente aniquilado.

Depois da passagem de Dioclécio, o poeta erradio, o guia pressentido, o depositário da memória das gestas de um outro mundo no qual a vida ainda é possível, força vital que a cidade expulsa, Antonio Bento percebe que ele também é repellido pelos habitantes. Sente confusamente que eles o culpam de um crime ignorado. Procuram fazê-lo expiar esse pecado original

tido como a causa da desgraça do lugar. A rede se aperta à volta dele, enquanto a imagem de Dioclécio se ostenta a ele como um apelo possante ao alívio e à liberdade:

“Se tivesse forças, faria uma viagem para os reinos do fim do mundo. Um homem de asas, que subisse para os altos, que fosse para onde quisesse, para os recantos de seus agra-dos, era o que ele desejaria ser”.
(5:78)

Contra este elan vital, esse desejo de liberdade, Vila do Assu secreta o veneno da sua própria degenerescência. Bento sente que está ameaçado. Assiste, como espectador atônito, ao desencadear das paixões estereis, vê a loucura se apoderar das criaturas mais sensíveis. Assu produz monstros e loucos, mas não produz heróis. Abandonada pelo mundo, isolada pela superstição, mutilada, aviltada, vai deslizando inexoravelmente para a destruição definitiva. Pedra Bonita produz cangaceiros e beatos, formas degradadas dos heróis míticos, que terminarão por trazer a destruição. As duas cidades são assim, condenadas, a se odiar e a se destruir reciprocamente.

Antonio Bento ainda não sabe disso. Começa somente a compreender que a bondade e a sabedoria do padre Amâncio não puderam e nunca poderão fazer nada por uma ou pela outra. Seu padrinho é o símbolo da impotência da igreja para realizar a tarefa regeneradora, para salvar seus mortos com indulgências. Padre Amâncio fracassou na sua missão e fracassará também na tentativa de transferi-la para o discípulo Antonio Bento, que ele tinha educado e instruído para cumprir o resgate da sua gente. Ele admite:

“E estava ali, agora mesmo, confessando a ele, uma sua cria, que nada pudera fazer pelas almas do seu rebanho. O ódio que encontrava estava vivo, batendo. O Assu vendo na Pedra Bonita a sua desgraça e a Pe-

dra desejando todo o mal ao povo de Assu" (5:108).

II

A esta primeira parte, dominada pelo tempo "fraco", o tempo da espera, sucede assim, por contraste, uma parte dominada pelo tempo "forte". Os acontecimentos narrados na segunda parte da história, pela violência e pela intensidade de significação, revelam uma aceleração do ritmo narrativo e uma rápida progressão da evolução do protagonista.

Por outro lado, esse tempo "forte" corresponde também ao tempo do mito *re-conhecido*, reatualizado: o tempo da tradição sagrada, da revelação primordial, do modelo exemplar. Para as sociedades "primitivas" o mito narra uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso "dos princípios". É, portanto, sempre o relato de uma criação. Conta-se aí como uma coisa começou a ser e é "esta irrupção do sagrado que realmente origina o mundo como hoje ele é" (2:9); e nenhum indivíduo pode viver sem ter acesso a esta suma do saber útil: "Uma existência individual torna-se e se mantém existência plenamente humana, responsável e significativa na medida em que se inspira nesse reservatório de atos já realizados e de pensamentos já formulados. Ignorar ou esquecer o conteúdo desta *memória coletiva* construída pela tradição, equivale a uma regressão ao estado "natural" (a condição acultural da criança) ou a um "pecado" ou a um "desastre". (2:154)

Se projetarmos esse esquema mítico na análise do personagem Antonio Bento, veremos que ele não chega a completar a sua personalidade nem a formar sua consciência, senão atingindo o conhecimento da história das suas origens e do mundo que o envolve. Somente depois de ter encontrado a chave do enigma de Pedra Bo-

nita, que está sempre a desafiá-lo, ele poderá pretender a liberdade e atingir o estado de consciência, o estado "cultural".

Encontramos também, no romance de José Lins do Rego, o reflexo de certas práticas arcaicas no fato de que as pessoas que rodeiam o herói sempre lhe ocultaram sistematicamente a história da Pedra Bonita. De fato, na maior parte das sociedades arcaicas e "primitivas" não se pode narrar indiscriminadamente os mitos. Em muitas tribos eles não são narrados diante das mulheres e das crianças, isto é, diante dos não iniciados (2:19). Além disso, não podem ser contados por qualquer membro do grupo e fazem parte de todos os ritos de iniciação e, em particular, dos que iniciam na função xamânica.

A segunda parte do romance será estruturada, pois, conforme os esquemas míticos do retorno às origens e dos ritos de iniciação.

Durante o período dessas provas "secundárias", Antonio Bento esforçou-se para encontrar individualmente a explicação das coisas e os segredos da sua origem pela rememoração e pela reflexão. Tentou ouvir o mundo e juntar os fragmentos esparsos das suas experiências anteriores, tentou reconstruir a realidade dispersa para descobrir a sua unidade profunda. Mas a memória individual, principalmente porque ela funcionou à revelia da comunidade de origem e de seus paradigmas éticos e culturais, revelou-se impotente.

Por outro lado, Antonio Bento foi preservado da influência animalizadora do ato sexual degradado, pela educação particular que recebeu e pela mediação do sonho. Está, pois, pronto para transpor a entrada de uma nova etapa existencial: a do *regressus ad uterum* e da iniciação. Dois momentos profundamente ligados nas sociedades "primitivas", ao mito do *retorno às origens*.

A imagem fundamental da mãe foi progressivamente relegada ao esquecimento:

“Sua mãe era uma sombra. Via-a como uma recordação, embora ela viesse ao Assu para as visitas. A mãe dera-o ao padre. Uma vez na escola ouvira de um menino chamando-o de enjeitado. Antes fosse, pensava ele, do que viver com aquela recordação na cabeça. Fora dado. Dado como um bichinho, uma cotia, uma paca. A mãe quisera uma vida melhor para ele. Que ele viesse para junto do padre, que o mandaria estudar. Falhara e ficara no Assu para servir de deboche a uma gente ruim”. (5:79)

Dioclécio abriu para ele “uma estrada grande”. Tinha mesmo proporcionado a ele a mulher que só via em sonho:

“Um coroinha devia ser casto, não pensar nas porcarias do filho do juiz, dos outros meninos do Assu. Olhava para as mulheres da rua da Palha como se fossem grandes perigos, correntes perigosas que o pudessem carregar para o fundo”. (5:80)

Antonio Bento sente sua solidão, toma consciência do seu desenraizamento: “E ele Antonio Bento não amava ninguém, odiava os outros. Maximina era boa, o padrinho era santo. Mas não sabia porque se sentia separado de todos, até desses dois.”

Assim cada vez mais repellido pela gente do Assu, aceita o conselho do padre Amâncio que lhe mostra a utilidade de um regresso aos seus. Uma permanência de três meses, aproximadamente, de fim de dezembro ao fim de março, período significativo porque representa o fim de um ciclo da natureza e o início de outro, e assim o mergulhará nas estruturas familiares e míticas do seu próprio grupo.

Na verdade, mais que a da família, é a imagem da mãe que atrai Antonio Bento a

Pedra Bonita. E será à sombra de um pai impassível e hostil, patriarca embrutecido, que provocou a esterilidade das suas terras, que tomará conhecimento dessa presença feminina que o esquecimento tinha apagado do seu espírito. E o amor de sua mãe é que o prenderá por um momento nesse mundo em ruínas que é o Araticum.

É, depois, o amor de seu irmão Domicio, a solidariedade profunda que une cada vez mais um ao outro, que o conduzirá aos dois lugares simbólicos dos ritos de iniciação: a “furna da Cabocla” e a “terra sagrada da Pedra Bonita”. Domicio não é somente um guia; é também, apesar da sua idade, um não iniciado. Não conhece ele também as mulheres, nem o segredo da Pedra Bonita. Os dois irmãos farão assim, juntos, o caminho de retorno às origens.

O retorno à matriz — o *regressus ad uterum* — é representado, nas sociedades “primitivas”, pela reclusão do neófito numa cabana, ou pela devoração simbólica por um monstro, ou ainda pela penetração em terreno identificado com o útero da Terra-Mãe*. Esses rituais iniciáticos que as sociedades de culturas mais complexas também praticam, têm como função a preparação de um novo “nascimento”; este todavia não é uma repetição do primeiro, do “nascimento físico”. O que acontece aqui é um re-nascimento místico, de ordem espiritual; por outro lado, é o momento do acesso a um novo molde de existência (que comporta a maturidade sexual, participação do sagrado e da cultura; em resumo, “abertura” do espírito). (2:101)

Eis como se pode resumir o objetivo para o qual caminha mais ou menos conscientemente o herói do romance.

Por outro lado, é significativo o fato de os dois irmãos serem obrigados a violar

**De Regressus ad uterum* — représenté par la traversée initiatique d'une *vagina dentata* ou la descente périlleuse dans une grotte ou une crevasse assimilées à la bouche ou à l'utérus de la Terre-Mère”. (2:103)

o interdito maternal de penetração no país sagrado, onde se cumprirá o segundo momento do rito iniciático, ou da revelação do mito das origens sob a sua forma milenarista e escatológica (5:131). O próprio local de Pedra Bonita, apresenta fortes conotações míticas: é um lugar paradisíaco, onde a natureza, que contrasta com a nudez da paisagem circundante, por sua exuberância lembra a criação primordial:

“E um grande vale apareceu à vista de Bento, um grande vale coberto de catolezeiros, como uma floresta gemendo ao vento. Fazia barulho a pancada do vento nas folhas das palmeiras. Imbuzeiros enormes. E mato, muito mato. Para um canto estavam as duas pedras gigantes. O sol caía em cima de uma delas e espelhava como se estivesse se derramando num espelho. Saía faísca como num incêndio. As malacachetas coruscavam ao sol. (...) As pedras, no fundo, quase na encosta da serra, como duas guardas, e a vegetação abundante, uma verdadeira floresta se estendendo a perder de vista. As duas pedras se distinguiam no meio de tudo. Subiam e se entregavam ao Sol, num brilhar de festa”.

(5:132)

Certamente não é necessário lembrar aqui a conotação fálica desse monumento que Euclides da Cunha chama “ara monstruosa”, engastado bem no seio deste “largo anfiteatro acessível apenas por uma estreita garganta entre muralhas a pi-

que”*, fecundando a matriz primordial da Terra-Mãe.

Lugar sagrado, lugar mítico que lembra o ato da “criação do Mundo”. Os dois irmãos penetram nele na época do Ano Novo que repete ciclicamente o nascimento da Natureza e do Mundo.

A fala do velho Zé Pedro, depositário da tradição xamanística ligada a este lugar tão singular — a história dos fanáticos de 1838 —, mereceria uma longa análise dos seus componentes míticos e milenaristas. Lembramos somente que o beato é aí apresentado como filho de Deus que regressa à terra para operar o grande milagre que, revolucionando o mundo atual, estabelecerá uma ordem inversa, em que os ricos serão pobres e os pobres serão ricos, os negros serão brancos, os brancos serão negros e assim por diante; nesse dia ele dirá (ele *já disse*) às milhares de pessoas que esperam dele a regeneração total:

“Acorda gente, hoje é o dia da nova criação do mundo”. (5:135)**

Mas o paraíso terrestre é também o lugar mítico da queda original, do pecado cometido contra o filho da divindade por um ancestral dos Vieiras. É essa parte da revelação que agitará profundamente os dois irmãos. Um Vieira, como eles, provocou o assassinato da “divindade” indo denunciar a Assu os massacres ordenados por Antonio Ferreira. Está aí o enigma resolvido. Eis aí o segredo da maldição que pesava sobre a família deles:

“Menino, tu me disseste que era filho de Bentão do Araticum. Pois fi-

**No termo do Pajeú, em Pernambuco, os últimos rebentos das formações graníticas da costa se alteiam, em formas caprichosas, na verra *Talhada*, dominando, magestosos, toda a região em torno e convergindo em um largo anfiteatro acessível apenas por estreita garganta, entre muralhas a pique. No âmbito daquele, como púlpito gigantesco, ergue-se um bloco solitário — a *Pedra Bonita*. (...) Um meluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios vizinhos. (...) O transviado encontrara meio propício ao contágio da sua insânia. Em torno da aia monstruosa comprimiam-se as mães erguendo os filhos pequeninos e lutavam, procurando-lhes a primazia no sacrifício... O sangue espadanava sobre a rocha jorrando, acumulando-se em torno; e, afirmam os jornais do tempo, em cópia tal que, depois de desfeita aquela lúgubre farsa, era impossível a permanência no lugar infeccionado.” (1:126-7)

** A diferença entre os milenarismos e os apocalipses judaico-cristãos é que os primeiros nunca implicam em um único e definitivo fim do mundo. Depois deste Fim, o escaton, haverá restauração do paraíso da bem aventurança primordial. Mircea Eliade afirma também que a luta da Igreja contra os milenarismos caracteriza seus primeiros séculos de existência. (2:83-7) Depois do século XI os movimentos milenaristas e escatológicos reaparecem dirigidos agora contra a Igreja e sua hierarquia. Parece que isto é que é revelado no romance pelo fracasso do padre Amaro frente ao beato.

ca sabendo. O homem que correu para ensinar o caminho à tropa foi um de tua gente, um Vieira. Tu não tem culpa de nada. Mas Deus não esquece. Tu viste como morreu teu avô Aparício. Aqui ele veio me falar p'ra fazer reza; Aqui ele chorou pedindo perdão como menino. Ele que era chefe de cangaceiro, como tu deve saber. Teu pai Bentão é outro infeliz. Tu não tem culpa não, menino. Eu estou contando por contar. Bentão não fala com ninguém. Tem terra com água corrente e não vai p'ra diante. Casou-se com mulher bonita, e a mulher ficou feia. Cria, e a criação não cresce. Planta e não enriquece. Tu sabe o que é? É o sangue do parente. É o sangue de Judas nas veias. Sangue de Judas, menino, sangue de Judas. Teu irmão Aparício já teve comigo. Falou de fechar o corpo. Rezei p'ra ele, sabendo que não tinha força. O sangue de Judas, menino." (5:136)

O peso desta revelação agirá mais ou menos profundamente no espírito de cada um dos dois irmãos. Domicio acabará por aderir completamente aos códigos sagrados que acabam de lhe ser transmitidos: ele se tornará beato. Seus pais, que uma sucessão de desgraças acabará por convencer da verdade desta maldição, se ajuntarão a ele na comunidade dos novos fanáticos. Antonio Bento será, ele próprio, dilacerado pela dúvida. Uma crise existencial profunda o abalará até o final do romance. Dividido entre a derrocada de todos os valores sagrados e a aparente demonstração de sua "verdade", estará à beira da loucura e do suicídio (5:235). Um longo processo de desligamento pessoal das suas estruturas familiares e culturais contraditórias será o doloroso preço que deverá pagar para atingir a maturidade definitiva. Mas essa conquista não será o motivo do romance. Ele aparecerá em outro, bem posterior (1953, *Cangaceiros*, 4).

Antes disso será preciso ir até o fim da sua aventura.

Por um momento, é verdade, a esperança virá afastar os habitantes desses lugares malditos do círculo vicioso criado pela ignorância, pela superstição, pelo subdesenvolvimento físico e cultural que os condena à violência dos cangaceiros ou à loucura dos fanáticos: a irrupção de uma força nova, sintetizada numa locomotiva, instrumento de negação do isolamento e portador de um início de regeneração radical. Para o Assu, como para Pedra Bonita, a salvação parece próxima: "O trem traria tudo. A vida ali se multiplicaria" (5:197), pensam os habitantes da vila do Assu.

Em longo monólogo interior, Domicio sonha e espera. A estrada de ferro deverá passar pela fazenda dos Vieira onde há fontes que permitirão o reabastecimento de água:

"O Araticum daria água ao trem da estrada de ferro. Viriam máquinas beber água no Araticum. Seria que o trem tivesse força de tirar a desgraça da terra? Seria que a Pedra acabasse, que Deus esquecesse dos castigos das vinganças? (...) Só mesmo uma força daquelas poderia com a Pedra Bonita. (...) Só mesmo a força de máquina se livrariam do pavor, de uma dívida que era maior que tudo." (5:199)

Domicio entrevê a nova beatitude: "O sertão ficaria de repente num céu aberto."

Aparício, o outro irmão, tornou-se chefe dos cangaceiros. Na sua estupidez de animal, ordena um ataque contra a equipe de engenheiros e de técnicos que preparava a construção da estrada de ferro. Toda a esperança é novamente destruída. A estrada passará por outro lugar, condenando mais uma vez as duas cidadezinhas à miséria.

"Naquela manhã o aboio de Domicio fora o mais triste de sua vi-

da. Devia ter estremecido até as obras do Araticum.” (5:207)

As refregas dos cangaceiros e dos soldados, a ameaça das incursões de novos fanáticos agitarão por muito tempo ainda a região. Antonio Bento vê agora o que é este mundo “cercado de ódio, de vingança e de sangue, de cangaço, de sofrimento”.

Seu padrinho morre depois do último fracasso da sua vida. Padre Amâncio não pode evitar o desastre, conduzir os fanáticos pelo caminho da razão. Foi vencida pela força do novo beato de Pedra Bonita, e sucumbirá à idéia de que um novo massacre se prepara. A força chegou à vila do Assu. Uma vez mais, a morte virá desta cidadezinha para castigar Pedra Bonita. Antonio Bento sentirá então a necessidade de realizar um gesto definitivo, ato necessário que lhe permitirá libertar-se da obsessão desta culpa hereditária, combater a ordem que o esmaga. Ato mítico fundamental. Antonio Bento, tendo saído para procurar um sacerdote que pudesse assistir ao padre Amâncio nos seus derradeiros momentos, tomará outro caminho e fará, às avessas, o trajeto outrora percorrido por seu avô, numa última tentativa para evitar o genocídio dos seus.

Se a estrutura mítica estabelece a estrutura do romance e o caráter do seu herói, não se pode omitir o aspecto analógico das suas relações. O mito aparece aí na sua forma degradada com relação à cultura na qual parece intervir, cultura essa que se situa a meio caminho entre as formas

“primitivas” e as modernas do pensamento humano. Ele não é mais um instrumento que estabelece a coesão do grupo, a continuidade do seu saber e a integração, nele, de cada novo indivíduo. Não é mais o fator de equilíbrio existencial e social, que caracteriza suas funções em sociedades arcaicas, “primitivas”; e até mesmo nas culturas mais complexas, mais estáveis. Aqui ele não intervem senão como impulso para a supressão de um sistema inaceitável, como resposta cíclica aos cataclismas naturais, econômicos e sociais que se abatem sobre o sertão.

Parece-nos que é por este motivo que Antonio Bento não achará nele senão aparente alívio e ficará finalmente marginalizado. Somente no final de *Cangaceiros*, depois da experiência desta outra realidade e de suas implicações que ele tentará romper de uma vez suas cadeias, de fugir da prisão que ele mesmo ajudou a construir à sua volta e dentro de si.

Depois de ter vivido outras situações marcadas pela lei sem piedade do sertão, ele se decidirá finalmente a seguir o seu guia — o mesmo Dioclécio que aparece em *Pedra Bonita*. E também pelo amor de uma moça poderá sair do seu labirinto e, como o Fabiano de *Vidas Secas*, e como tantos outros, poderá tomar o rumo das grandes cidades do sul.

Aí o mito terá permitido à sua consciência a elaboração de um longo processo de *demitificação*.

RALLE, E. — From mythical consciousness to historical consciousness: reading of *Pedra Bonita*. *Perspectivas*, São Paulo, 8:189-200, 1985.

ABSTRACT: This analysis of *Pedra Bonita* by José Lins do Rêgo tries to show the mythical structure of this novel: the passage from a mythical to a historical conscience.

KEY-WORDS: Literature; Brazilian literature; social novel; myth; demythicizing process; religiosity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CUNHA, E. da — *Os sertões*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1957.
2. ELIADE, M. — *Aspects du mythe*. Paris, Gallimard, 1963.
3. LEVÊQUE, P. — Pour une analyse comparée des idéologies religieuses: religions africaines et religion grecque. *La Pensée* (210): 30—62, 1980.
4. RÊGO, J. L. do — *Cangaceiros*. 4.ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.
5. RÊGO, J. L. do — *Pedra Bonita*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.